

Isso não é apenas uma releitura de René Magritte: Projeto fotográfico de intervenção urbana na Ponte da Boa Vista¹

Marina FELDHUES²
Elysangela FREITAS³
Dario BRITO⁴

Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

A intervenção urbana fotográfica “Isso não é a Ponte da Boa Vista” foi o resultado de uma atividade acadêmica proposta pela disciplina de Poéticas da Imagem a partir problemática de desenvolver um projeto híbrido entre fotografia e intervenção urbana que discutisse o poder da imagem. Baseada numa releitura da obra *La trahison des images* (A traição das imagens) do pintor surrealista René Magritte, foi esboçada uma intervenção que não só abordasse o poder da representação imagética, mas que fizesse uso desse poder para provocar no público um interesse sobre o espaço público da intervenção. O presente *paper* visa detalhar o desenvolvimento desse projeto e analisar os resultados alcançados junto ao público.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; fotografia; intervenção urbana; imagem; René Magritte

1 INTRODUÇÃO

A partir do tema central “o poder da imagem” e da tarefa de discutir esse tema por meio de um trabalho híbrido entre fotografia e intervenção urbana, fez-se necessário pesquisar não apenas o tema conceitual proposto, como tratar esse tema imageticamente, mas também de que forma juntar o universo da fotografia com o da intervenção urbana e os efeitos possíveis dessa junção.

No decorrer da pesquisa outras questões secundárias surgiram entre elas as ideias de desmascarar o poder da imagem e também de fazer uso desse poder. O sentimento natural foi de elaborar um projeto que usasse o poder da imagem para provocar no público um interesse sobre aquele espaço da intervenção e com isso buscar uma revalorização do ambiente urbano, deveras banalizado. Assim, o “Isso não é...” começou a se configurar

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Produção Transdisciplinar, modalidade Projeto de Comunicação Integrada.

² Aluno líder Aluno do grupo e estudante recém-graduado do Curso de Fotografia da UNICAP, e-mail: marinafeldhues@gmail.com.

³ Estudante recém-graduado do Curso de Fotografia da UNICAP, e-mail: elysangela@gmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso Fotografia da UNICAP, e-mail: dariobrito@gmail.com.

como um trabalho prático acadêmico e também como um projeto comunicacional artístico de cunho social.

Como trabalho acadêmico, vale uma ressalva, ele deveria ser executado não apenas pela equipe criadora, a qual realizou a intervenção urbana aqui em estudo “Isso não é a Ponte da Boa Vista”, mas também pelas demais equipes da disciplina, em outros locais da cidade, posteriormente a essa primeira intervenção.

2 OBJETIVOS

2.1 Geral

- Discutir o poder da imagem por meio de uma intervenção urbana fotográfica tornando-o explícito para o público.

2.2 Específicos

- Fazer uso desse poder da imagem para promover a valorização do espaço urbano; e
- Registrar a reação do público ante a intervenção.

3 JUSTIFICATIVA

Imagens são mediações entre homem e mundo. O homem “existe, isto é, o mundo não lhe é acessível imediatamente. Imagens têm o propósito de lhe representar o mundo. Mas, ao fazê-lo, entropõem-se entre mundo e homem. Seu propósito é serem mapas do mundo, mas passam a ser biombos. O homem, ao invés de se servir das imagens em função do mundo, passa a viver em função de imagens. Não mais decifra cenas da imagem como significados do mundo, mas o próprio mundo vai sendo vivenciado como um conjunto de cenas”. (FLUSSER, 2011, pág. 17)

Outrora cabia à pintura interpretar a realidade e de forma mimética reproduzi-la. Com o advento da técnica fotográfica, esse papel passou a ser atribuição da fotografia. Sontag (2010, pág.170) quando compara essas duas técnicas, afirma que “uma foto nunca é menos do que o registro de uma emanção (ondas de luz refletidas pelos objetos) – um vestígio material de seu tema, de um modo que nenhuma pintura poderia ser”. A foto, diferentemente da pintura, é parte do tema, é vestígio, é extensão e “um meio poderoso de adquiri-lo, de ganhar controle sobre ele”.⁵

Essa posse sobre o real fotografado, sobre a realidade, concebe à fotografia “um pouco do caráter próprio dos objetos únicos”⁶. Segundo Sontag, se estabelece aqui um relação de consumo, na qual por meio das fotografias consume-se eventos que podem fazer

⁵ SONTAG, Susan. *Sobre Fotografia*. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2004. Pág.172.

ou não parte da experiência de vida. Essa seria outra característica típica da imagem fotográfica, a possibilidade de conhecer sem necessariamente ter experimentado. Tal como observa-se nas fotografias turísticas, que permitem conhecer lugares bem antes de vivenciá-los. A imagem se antecipa à realidade ou a realidade começa se parecer com as fotografias de si própria. Um evento qualquer do mundo começa a ‘ser tão real que parece até um filme’.

A imagem fotográfica passa então a ser uma realidade material por si só, um depósito de informações sobre o real que podem proporcionar não só o conhecimento da realidade independente da experiência, como podem usurpar o lugar da própria realidade, como um “simulacro”⁶. Numa inversão do mito da caverna de Platão, a realidade passa a ser a sombra. Tal é o poder evidenciado nas imagens fotográficas.

Em um retorno novamente à pintura, observa-se que entre 1928 e 1929, René Magritte, ao produzir o célebre quadro *La Trahison des images* (A traição das imagens), na qual aparece pintado um cachimbo e a frase *Ceci n'est pas une pipe* (Isso não é um cachimbo), já discutia a questão da representação da realidade. Expondo a condição da pintura enquanto aparência do mundo pela frase ‘Isso não é um cachimbo’. Não se pode fumar o cachimbo daquele quadro. Não é um cachimbo real. É uma representação.⁷



Figura 1 - René MAGRITTE, *La Trahison des images*, 1928-9.

⁶ BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. Traduzido por Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio D'água, 1991.

⁷ PAQUET, Marcel. *René Magritte*. Paris: Taschen, 2006. Pág. 29.

Desse desmascaramento da imagem evidenciado na obra de Magritte, surge a possibilidade de uma reaplicação da ideia do pintor, porém em um contexto contemporâneo, o de desmascarar a imagem fotográfica, desconstruindo o seu poder.

Associar o poder da imagem e a quebra desse poder (questões pertinentes ao universo fotográfico) à promoção de uma revalorização do espaço urbano, requer entender o universo de arte urbana, do qual a intervenção urbana faz parte:

A pertinência e importância de se discutir a arte urbana – a arte feita na cidade e com a cidade – está no fato de que esta pode ser pensada como prática social que tece com a cultura e a história uma densa trama simbólica que dá sentido às maneiras como produzimos e ocupamos os espaços públicos e, ao mesmo tempo, somos ‘produzidos’ por eles. (GONÇALVES, ESTRELLA, 2007, p103)

A arte urbana é um universo prioritariamente comunicacional e relacional, sua característica marcante é exatamente a possibilidade de construção e reconstrução de sentidos de forma individual ou coletiva, de propagação de ideias, de inclusão e não exclusão social. A rua é o maior espaço expositivo e de interação com o público que um fotógrafo ou qualquer outro artista poderia ter. Nada mais propício então, do que propagar o discurso da valorização desse espaço, provocando o público para a percepção do próprio local da intervenção.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Primeiramente, foi realizada uma revisão bibliográfica que ajudasse a compreender o tema e as possibilidades de abordagem ali inseridas. Em seguida, foram feitas consultas de referências de trabalhos artísticos que abordassem o tema ou que fossem híbridos entre a linguagem fotográfica e de intervenção urbana.

Nesse ponto, de uma forma menos linear do que orgânica, chegou-se as seguintes definições:

- A intervenção urbana se daria por meio de uma exposição fotográfica cujo tema retratado seria o próprio local da exposição. De forma que as imagens dialogassem diretamente com o local (objeto fotográfico, objeto de intervenção e espaço expositivo).

- O local escolhido foi a Ponte da Boa Vista, por seu valor histórico e por ser um “lugar de passagem”⁸, de grande movimentação de pedestres que se deslocam entre os bairros da Boa Vista e de Santo Antônio, cruzando o rio Capibaribe no centro da cidade.
- As fotografias seriam produzidas em grande tiragem, em vários formatos, sob diferentes pontos de vistas. Aqui a intenção é mostrar as possibilidades de construção imagética, que ora se aproximam mimeticamente da realidade, ora se distanciam.
- Em cada fotografia seria acrescida a legenda à obra de Magritte, “Isso não é a Ponte da Boa Vista” (desconstrução da própria imagem fotográfica ali representada).
- Se o público demonstrasse interesse, poderia levar consigo uma ou mais fotografias (como um objeto simbólico de posse daquela realidade retratada).
- Criar uma página no Facebook (<https://www.facebook.com/issonaoe>) para a divulgação do projeto.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Entre o final de março e começo de abril de 2014 a ponte da Boa Vista foi fotografada sob vários ângulos e distâncias, as imagens foram editadas em cores e PB, impressas em variados formatos e em grande quantidade, de forma que se pudesse saturar a ponte com imagens dela mesma. Em cada fotografia foi acrescida a legenda “Isso não é a Ponte da Boa Vista”. No dia 9 de abril, no início da manhã, foi realizada a montagem da exposição das fotografias nos pequenos ladrilhos existentes na estrutura de ferro batido da ponte e que se encaixam em forma de losangos e teve início a intervenção.



Figura 2 - Elysângela FREITAS, 2014.

⁸ AUGÉ, Marc. *Não Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Tradução de Maria Lúcia Pereira. 9.ed. Campinas, SP: Papirus, 2012. Pág. 73-74.

A resposta do público à intervenção foi imediata, houve tanto boas impressões quanto reações adversas. Ainda no início da montagem das imagens, os transeuntes paravam para ver as fotografias e indagar o que estava acontecendo. Para muitas pessoas as imagens traziam lembranças, ativando memórias e recordações de um tempo passado, vivenciado junto a seus entes queridos. No entanto, para outros indivíduos a ação foi vista com desconfiança, devido aos protestos ocorridos neste período em todo país. Por outro lado, muitos consideraram que a ação era um ato de apoio à manutenção dos vendedores ambulantes, que ali trabalhavam e tinham sido retirados pela autoridade pública municipal há poucos dias.



Figura 3 - Mariana GALLINDO, 2014.

Contudo, a redescoberta da beleza do espaço in loco foi a atitude mais observada. Uma grande quantidade de pessoas vieram contar suas memórias sobre a ponte, falar da cor da ponte, dos ambulantes que ali trabalhavam, da manutenção da ponte, causos e histórias de um passado distante ou não. Outros inclusive ampliaram o tema e falaram da importância de preservação dos espaços públicos.



Figura 4 - Marina FELDHUES, 2014.

Várias pessoas questionaram a legenda da foto e vinham conversar para tentar entender o porquê de não ser a ponte. Outros, entendiam a mensagem da legenda e declaravam que a Ponte da Boa Vista era algo muito maior do que aquelas imagens ali fotografadas. Muitos pediram as fotos para presentear alguém que morava distante ou mesmo para enfeitar a sala da casa; outros pegaram as imagens sem solicitar e algumas vezes, inclusive, saiam correndo com as fotos, como se estivessem cometendo algum delito. Nesse ínterim, aconteceu de algumas fotos serem rasgadas ou amassadas e jogadas no chão. O fato é que a intervenção tocou praticamente a todos que por ali passavam, seja a pé, de carro ou bicicleta.

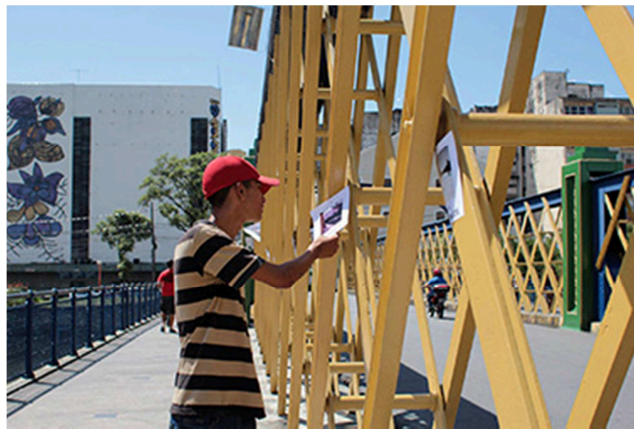


Figura 5 - Rebeca PATRÍCIO, 2014.

Todo o processo foi registrado por meio de fotografias e vídeos, os quais foram disponibilizados na página do projeto no Facebook. Até a conclusão desse *paper*, em 19 de maio de 2015, foram contabilizados que a página recebeu 704 curtidas e alcançou 7.537 pessoas (dados do próprio site), também recebeu vários comentários e teve compartilhamentos.



Figura 6 - Mariana GALLINDO, 2014.

6 CONSIDERAÇÕES

O poder, o uso e o desmascaramento desse poder da imagem fotográfica foi evidenciado pela prática expositiva da intervenção urbana. Em primeiro lugar, foi verificada que a exposição foi capaz de atrair o olhar do transeunte e provocar a reflexão nesse cidadão comum para o local em que ele estava e para as questões de revalorização dos espaços urbanos cotidianos e a conseqüente necessidade de preservação desses patrimônios.

Em segundo, muitos levaram as fotografias consigo, uma prova do poder simbólico das imagens de posse do real e do consumo da fotografia como objeto único e por último, vários refletiram sobre a frase, chegando inclusive a entender que realmente a foto era só uma imagem e que a Ponte da Boa Vista era algo muito maior do que aquelas representações.

Assim, embora seja notório o poder da imagem, as relações de consumo, a capacidade de a fotografia ser ‘mais real do que o real’ ou de tornar a realidade distante. “A crítica pode ainda desmágicizar a imagem” (FLUSSER, 2011, p.78). Essa reflexão crítica, como observado na intervenção, é de alcance de todos. Portanto, é possível desmitificar as imagens e perceber a realidade pelo olhar direto.

Quanto ao projeto, esse teve grande repercussão na mídia, causando um impacto na cena fotográfica local, havendo, inclusive, a procura de pessoas, fotógrafas ou não, para saber como se engajar e participar das intervenções. A necessidade de valorização dos espaços públicos mostrou ser um sentimento, uma vontade que, além de unir as pessoas, ultrapassa e muito microuniverso da intervenção urbana aqui apresentada.

8. Referências

ALUNOS da Unicap realizam intervenção urbana na Ponte da Boa Vista. *Diário de Pernambuco*, Recife, 9 abril 2014. Disponível em: <http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2014/04/09/internas_viver,498370/alunos-da-unicap-realizam-intervencao-urbana-na-ponte-da-boa-vista.shtml>. Acesso em 18 abr 2015.

AUGÉ, Marc. *Não Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Tradução de Maria Lúcia Pereira. 9.ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

AUMONT, Jacques. *A Imagem*. Tradução de Estela dos Santos Abreu e Cláudio C. Santoro. 15.ed. Campinas, SP: Papirus, 2010.

BRITO, Dario. Isso não é um simples trabalho universitário. *Revista Unicaphoto*, Recife: Universidade Católica de Pernambuco, v.3, n.3, ago.2014. Disponível em: <<http://www.unicap.br/unicaphoto/>> Acesso em: 3 abr. 2015.

BRUST, Raquel. *Giganto*. São Paulo, 2014. Site disponível em: <<https://www.facebook.com/projetogiganto?fref=ts>>. Acessado em 10 mai 2015.

CANTON, Katia. *Espaço e Lugar*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2009.

DUBOIS, Philippe. *O Ato Fotográfico e outros ensaios*. Tradução de Marina Appenzeller. 14.ed. Campinas, SP: Papirus, 2011.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Apresentação de Norval Baitello Junior. São Paulo, SP: Annablume, 2011.

GALLINDO, Mariana. Isso não é. Recife, 2014. Vídeo disponível em: <<https://vimeo.com/91633371>>. Acesado em 15 abr 2015.

GALLINDO, Mariana. Isso não é. Recife, 2014. Vídeo disponível em: <<https://vimeo.com/91707095>>. Acesado em 15 abr 2015.

GALLINDO, Mariana. Isso não é. Recife, 2014. Vídeo disponível em: <<https://vimeo.com/91675762>>. Acesado em 15 abr 2015.

GOMBRICH, E.H. *The Mirror and the Map*. In: _____. *The image & the eye: Further studies in the psychology of pictorial representation*. London: Phaidon, 1982.

GONÇALVES, Fernando do Nascimento; ESTRELLA, Charbelly. *Comunicação, arte e invasões artísticas na cidade*. In: LOGOS 26. Rio de Janeiro: UERJ, 2007

GREIMAS, Algirdas Julien. *Da imperfeição*. Tradução de Ana Claudia de Oliveira. São Paulo, SP: Hacker Editores, 2002.

ISSO não é. Recife, 2014. Site disponível em: <<https://www.facebook.com/issonaoe>>. Acessado em 15 abr 2015.

JUTINO, Tatiana. *Pegue a foto*. São Paulo, 2014. Site disponível em: <<https://www.facebook.com/pegueafoto>>. Acessado em 10 mai 2015.

PAQUET, Marcel. *René Magritte*. Paris: Taschen, 2006.

SONTAG, Susan. *Sobre Fotografia*. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2004.